



## Aforizações políticas, mídias e circulação de enunciados<sup>1</sup>

Por Dominique Maingueneau (Université de la Sorbonne – Paris IV)

### A enunciação aforizante<sup>2</sup>

Poucas pessoas hoje em dia contestariam a ideia de que o texto constitui a única realidade empírica com a qual os linguistas lidam: unidades como a frase ou a palavra são necessariamente abstraídas de textos. O texto é, de fato, a contraparte do gênero de discurso, que é o quadro de toda a comunicação imaginável. Utilizo aqui o termo “gênero de discurso” para atividades como a participação de nascimento, o debate televisivo, o sermão etc. Associamos comumente essa posição a Mikail Bakhtin, particularmente a seu artigo intitulado “Problemas dos gêneros do discurso”, escrito em 1952-1953<sup>3</sup>.

Todavia um problema se coloca quando temos de tratar de enunciados que se apresentam fora de qualquer texto, geralmente constituídos de uma única frase. Chamamos esses enunciados de “enunciados destacados”. Eles são de tipos muito diversos: *slogans*, máximas, provérbios, títulos de artigos de imprensa, ditados, intertítulos, citações célebres etc. Devem-se distinguir duas classes bem diferentes, segundo o seu “destacamento”: 1) é *constitutivo*: é o caso em particular das fórmulas (provérbios, *slogans*, divisas...) que por natureza são independentes de um texto

<sup>1</sup> Tradução Roberto Leiser Baronas e Fernanda Mussalim.

<sup>2</sup> Propomos-nos aqui a realizar um rápido resumo dessa problemática. Para um aprofundamento dessa questão, pode-se consultar “L’énociation aphorisante” em Conferências do Vº Congresso da Associação Brasileira de Linguística, T. Cristóforo Silva e H. Mello (Eds.), Belo Horizonte, UFMG, 2008, p. 155 - 164 ou então o livro *Cenas da Enunciação*, Parábola Editorial, 2008, p. 75 - 93.

<sup>3</sup> NT. Tradução brasileira. BAKHTIN, M. “Gêneros do Discurso”. In: *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

particular; 2) ou *resulta da extração* de um fragmento de texto: encontramos, então, em uma lógica de citação.

Essa extração não acontece de maneira indiferenciada com todos os constituintes de um texto, pois frequentemente o enunciador *sobreassevera* alguns de seus fragmentos e os apresenta como *destacáveis*. A sobreasseveração é uma modulação da enunciação que formata um fragmento como candidato a uma des-textualização. Trata-se de uma operação de destaque do trecho em relação ao entorno textual, que é efetuada por meio de marcadores diversos: de ordem aspectual (genereicidade), tipográfica (posição de destaque em uma unidade textual), prosódica (insistência), sintática (construção de uma forma pregnante), semântica (recurso aos tropos), lexical (utilização de conectores de reformulação)...

É caso, por exemplo, da entrevista concedida por um matemático ao jornal diário gratuito *20 minutes*. O título da entrevista é um enunciado destacado: “A idade de ouro das matemáticas é hoje”. Esse destacamento foi realizado a partir de uma *sobreasseveração*, que marcou um fragmento do texto como destacável.

[...] pensamos muito frequentemente que elas (= as matemáticas) pertencem ao passado, enquanto que a metade dos matemáticos que prevaleceu ao longo da História está... viva e em exercício. *Em outras palavras a idade de ouro das matemáticas é hoje*. (18 de outubro de 2004, p. 39) (grifos do autor).

Essa marcação repousa aqui sobre diversos índices: a posição no final do parágrafo, um conector de reformulação (“em outras palavras”), uma construção sintática binária e uma estrutura semântica saliente: um paradoxo que subverte a oposição tópica “idade de ouro” = passado fabuloso.

Os enunciados destacados não figuram somente no paratexto de artigos, como nesse exemplo. Muito frequentemente o leitor ou o ouvinte não podem retornar ao texto do qual os enunciados foram extraídos. Devemos, assim, realizar uma distinção entre destacamento *forte* (enunciados dissociados do texto fonte) e destacamento *fraco* (enunciados que se encontram próximos do texto fonte).

A comparação entre os enunciados destacados e sua contraparte – sobreasseverados ou não – no texto do qual foram extraídos mostra que, na maioria das vezes, o enunciado sofre uma alteração quando é destacado. Essa alteração pode ser mais ou menos importante. Por exemplo, um artigo de jornal tem como título:

**Meu voto irá para aquele que for o mais persuasivo.**

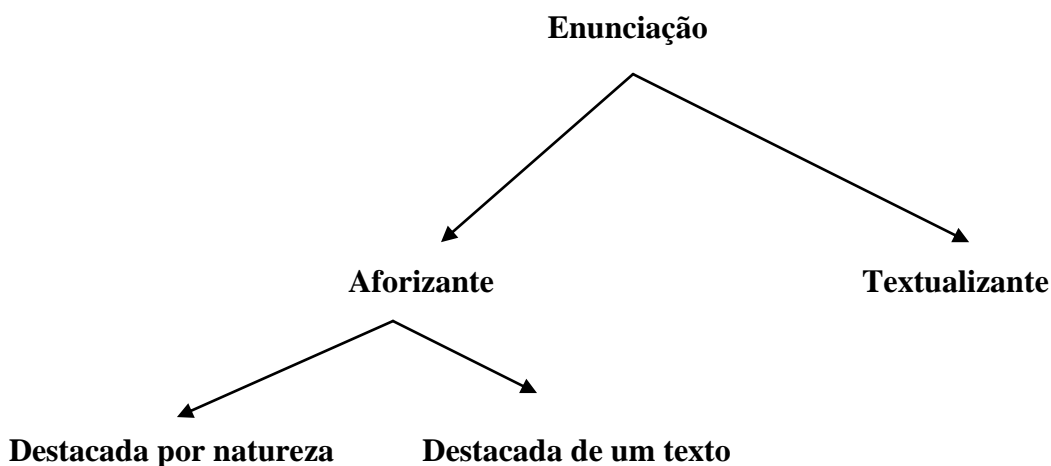
Mas o texto que vem abaixo é bem diferente:

Meu voto irá para aquele que for o mais persuasivo, o que parecer o mais motivado para mudar as coisas na França. (*20 Minutes*, 2 de maio de 2007, p. 7)

A supressão do final da frase muda notavelmente o sentido do enunciado original.

Tais divergências são mais notáveis no destacamento *fraco*, como é o caso aqui; o leitor possui meios de comparar o enunciado destacado e o texto de partida. Tudo se passa como se existisse uma zona de tolerância, como se fosse considerado normal que os dois enunciados divergissem.

No nosso entendimento, essas divergências são reveladoras de um estatuto pragmático específico para os enunciados destacados. Esses últimos relevam, com efeito, de um regime de enunciação que propomos chamar de “enunciação aforizante”. Consideramos, então, que entre uma “aforização” e um texto não existe uma diferença de tamanho, mas de ordem.



Por meio da aforização o locutor se coloca além dos limites específicos de um determinado gênero de discurso. O « aforizador » assume o ethos do locutor que fala do alto, de um indivíduo em contato com uma Fonte transcendente; ele não se dirige a um interlocutor colocado no mesmo plano que ele e que poderia responder, mas a um auditório universal. Ele supostamente enuncia a sua verdade, subtraída de negociação, exprime uma totalidade vivida: seja uma doutrina ou uma certa concepção de existência. Por intermédio da aforização vemos coincidir *sujeito da enunciação* e

*Sujeito* no sentido *jurídico e moral*: alguém que se coloca como responsável, afirma valores e princípios diante do mundo, dirige-se a uma comunidade para além dos locutores empíricos que são seus destinatários.

Mas – e este é o x da questão – o aforizador não é um locutor, o suporte da enunciação, mas uma consequência do destacamento. Quando extraímos um fragmento de texto para fazer uma aforização, convertemos *ipso facto* seu locutor original em aforizador.

### **A panaforização**

O desenvolvimento recente de uma configuração midiática totalmente nova, que associa diretamente a mídia impressa, o rádio, a televisão, a internet e a telefonia móvel permitiu aumentar para níveis sem precedentes o destacamento e a circulação das aforizações.

Um certo número de aforizações são, assim, tomadas em um processo de tipo pandêmico: durante um período curto as vemos circular em todas as mídias ao mesmo tempo e com uma frequência muito elevada, com estatutos muito diversos: título de um artigo de jornal ou de uma página da internet, frase que circula na parte de baixo do monitor de um canal de informação televisiva, título de um vídeo no Youtube etc. Como exemplos, podemos citar o enunciado « Que vergonha, Barack Obama »<sup>4</sup>, proferido por Hillary Clinton nas últimas eleições presidenciais americanas (23 de fevereiro de 2008), ou o enunciado de Sílvio Berlusconi : « Obama é jovem, belo e bronzeado »<sup>5</sup> (06 de novembro de 2008).

Podemos falar de uma « panaforização », termo que combina o *pan* « pandemia » e « aforização ». A panaforização figura nas manchetes dos jornais, se infiltra nas conversações ordinárias, suscita debates de todas as espécies nas mídias: nos fóruns, talk-shows televisivos, no correio dos leitores etc., antes de desaparecer, substituída por outras.

Ela não tem, então, necessidade de certo período de maturação tal qual descreve uma tirada do *Barbeiro de Sevilha*, de Beaumarchais, popularizada pelo célebre « O ar de calúnia » de Rossini:

---

<sup>4</sup> No original em inglês «Shame on you, Barack Obama».

<sup>5</sup> No original em italiano «E giovane, bello, e anche abbronzato».

Primeiro um leve som, rasante no solo como uma andorinha antes de uma tempestade, *pianissimo*, murmura e parte e semeia, correndo, a seta envenenada. Uma boca a recolhe, e *piano, piano*, habilmente a desliza no teu ouvido. O dano está feito; ele germina, engatinha, anda, e *refoçando* de boca em boca, vai longe (...). (Barbeiro de Sevilha, II 8)

Em regra geral, a panaforização passa pelas notícias das agências de imprensa. O texto a seguir é uma notícia da Agência *Reuters*, consagrada à aforização de Berlusconi. Notamos que ela já consagra triplamente o estatuto de panaforização do enunciado destacado: pelo título da notícia, pela relativa, «que é jovem, bonito e também bronzeado»<sup>6</sup>, colocada em final de citação e pela conclusão: «sua observação rapidamente apareceu em áudio e impressa em grandes sites de mídia ao redor do mundo»<sup>7</sup>. Isso tem, de fato, o efeito de aumentar ainda mais a difusão dessa panaforização.

### **Berlusconi da Itália elogia “bronzeado” de Obama<sup>8</sup>**

Qui, 06 de novembro de 2008 16:45 EST

MOSCOU (*Reuters*) – O primeiro ministro italiano, Silvio Berlusconi, fez uma entusiasmada, senão original saudação, na quinta, à eleição de Barack Obama, citando entre seus atributos, a juventude, a boa aparência e o bronzeado.

Falando em uma conferência de imprensa conjunta com o presidente russo, Dimitry Medvedev em Moscou, o magnata da mídia de 72 anos também disse que a eleição de Barack Obama à Casa Branca foi “saudada pela opinião pública mundial como a chegada de um messias.”

“Tentarei ajudar as relações entre a Rússia e os Estados Unidos, onde uma nova geração chegou ao poder, e não vejo problemas para

<sup>6</sup> No original em inglês «who is handsome, young and also suntanned».

<sup>7</sup> NT. No original em inglês «his remark quickly appeared in print and audio on major media websites around the world».

<sup>8</sup> NT. No original em inglês:

### **Italy's Berlusconi hails "suntanned" Obama**

Thu Nov 6, 2008 4:45pm EST

MOSCOW (Reuters) - Italian Prime Minister Silvio Berlusconi gave an enthusiastic, if unconventional, welcome on Thursday to the election of Barack Obama, citing among his attributes youth, good looks and a suntan. Speaking at a joint news conference with Russian President Dmitry Medvedev in Moscow, the 72-year-old media tycoon also said Obama's election to the White House had been "hailed by world public opinion as the arrival of a messiah." "I will try to help relations between Russia and the United States where a new generation has come to power, and I don't see problems for Medvedev to establish good relations with Obama who is handsome, young and also suntanned," he said. Berlusconi, who prides himself on being a friend of outgoing U.S. President George W. Bush, shrugged off a barrage of criticism in Italy as his remark quickly appeared in print and audio on major media websites around the world.

Medvdev estabelecer boas relações com Obama, que é bonito, jovem e também bronzeado,” disse ele.

Berlusconi, que se orgulha de si mesmo por ser amigo do presidente que se afasta, George W. Bush, não se importou com a enxurrada de críticas na Itália à sua observação, que apareceu rapidamente impressa e em áudio nos maiores sites de mídia ao redor do mundo.

Geralmente, os internautas têm a possibilidade de acessar a parte pertinente da enunciação original consultando vídeos *on line* em sites como o Youtube. Mas a panaforização funciona de maneira autônoma. Por exemplo, em um fórum de discussão do site *YAHOO! answers*, o enunciado foi dado como aforização, depois de ter sofrido algumas alterações: “also” desapareceu e reticências acusadoras foram introduzidas entre o “e” e “bronzeado”:

Berlusconi disse: “Obama é jovem, bonito e... “bronzeado””... O que você acha disso?<sup>9</sup>

Por um paradoxo apenas aparente, é precisamente porque uma panaforização já se instalou no sussurro midiático, que alguns irão eventualmente retornar ao seu contexto e, nesse contexto, buscar esclarecer o sentido. Todavia, isso não coloca em causa seu estatuto de frase sem texto, de aforização. Aliás, acontece o mesmo com todas as aforizações célebres: o primeiro gesto do professor de filosofia é o de retomar uma fórmula como « a religião é o ópio do povo » no texto de Marx no qual essa fórmula figura para explicar o sentido que seu autor supostamente lhe teria dado. Mas esses retornos ao contexto « real » são feitos por profissionais e não podem estabilizar o sentido de uma fórmula que se tornou autônoma e que, desde então, é passível de múltiplas leituras.

### **A inteligência de José Luis Zapatero**

Vamos ilustrar nossa reflexão com uma panaforização muito menos difundida do que os dois exemplos que acabamos de evocar, mas que permite uma boa percepção desse fenômeno. Trata-se de um enunciado que circulou em 15 de abril de 2009,

---

<sup>9</sup> <http://answers.yahoo.com/question/index?qid=20081106103235AA7IHCM> (acesso em 23/8/2009).

atribuído ao presidente francês N. Sarkozy, sobre a inteligência (ou melhor, sobre a falta de inteligência) do primeiro ministro espanhol Zapatero<sup>10</sup>.

Uma vez conhecida, essa aforização provocou os mais diversos comentários. Apresentamos três exemplos tomados ao acaso.

O primeiro se encontra num site ligado ao Partido Socialista Francês<sup>11</sup>.

*A imprensa espanhola reagiu às declarações atribuídas a Sarkozy.*

O presidente francês Nicolas Sarkozy teria dito sobre o primeiro ministro espanhol José Luís Zapatero: « ele não é muito inteligente ». Essas declarações – desmentidas pelo governo francês – agitaram a imprensa espanhola.

(Site do Partido Socialista de Austerive : <http://austerive.parti-socialiste.fr/2009/04/19>, 19 de abril de 2009, acesso em 20 de agosto de 2009).

O segundo exemplo vem de um site de uma seção provincial do MODEM, partido centrista dirigido por F. Bayrou, que é um crítico contumaz de Sarkozy:

A propósito do Senhor José Luís Rodrigues Zapatero, Primeiro Ministro espanhol : « ele não é muito inteligente ».

E « plá » ! Nas patas dessa nação irmã e amiga próxima que sempre foi a Espanha, aí nos tornamos companheiros !

(<http://lemouvementdemocratedugard.hautetfort.com/archive/2009/04/17/sarkozy-un-cas-pathologique.html>, acessado em 21/8/09).

O terceiro exemplo não figura num site político, mas em um fórum de discussão de um site de amantes do ciclismo, “Velo 101”:

A imprensa internacional (*The Guardian*, *The Times*, *El País*) propagou os novos abusos de arrogância de sarko. Durante um almoço, ele encontrou meios de rebaixar Obama (“ele não tem experiência”), de insultar Zapatero (“ele não é muito inteligente”) – e ele, sarko?

<sup>10</sup> Essa panaforização apresenta, **aliás**, a particularidade de ter tido uma sequência que suscitou uma controvérsia que foi alimentada. Com efeito, Ségolène Royal, **infeliz adversária** de N. Sarkozy nas últimas eleições presidenciais, pediu desculpas no dia 19 de abril a Zapatero, pela aforização atribuída a Sarkozy.

<sup>11</sup> Nos textos citados sublinhamos com um fundo cinza as panaforizações que nos interessam para a discussão aqui empreendida.

(<http://velo101.com/forum/>, 17 de abril 2009, acessado em 21 de agosto de 2009).

Podemos observar que esses comentários se referem a uma frase (“ele não é muito inteligente”) que os internautas tomam como sendo de Sarkozy. Na realidade, os profissionais da política e das mídias têm discutido muito a autenticidade da própria fórmula: o que realmente disse Sarkozy? O que ele quis dizer?

Esse debate sobre o significante e o significado da aforização *sarkozyana* se explica pelas condições em que ela foi recolhida. Com efeito, ela não foi gravada, mas citada por diversas pessoas que almoçavam com o Presidente no dia 15 de abril. Nesse dia, Sarkozy convidou para almoçar deputados e senadores de todas as tendências políticas francesas, que faziam parte de um grupo de trabalho constituído em novembro de 2008, para discutir sobre a crise financeira internacional.

Em um artigo intitulado (“Sarkozy se considera o chefe do mundo”) do dia 16 de abril, o diário de esquerda *Libération* divulgou o caso. O episódio relatado e que nos interessa aqui aconteceu no final do almoço:

Durante a sobremesa, Nicolas Sarkozy se serviu de “*de uma compota de maçã como uma criança*”, se surpreende o deputado do Partido Verde, François de Rugy. Com doçura, o presidente da República não resistiu e informou aos seus convidados que “*o governo espanhol anunciou a supressão da publicidade em televisões públicas. E sabem a quem citaram como exemplo? Podemos dizer muitas coisas sobre Zapatero*”, observa Emmanuelli. “*Talvez ele não seja muito inteligente. Eu conheço alguns políticos que eram muito inteligentes e que não foram para o segundo turno da eleição presidencial*”, se diverte Sarkozy em alusão a Lionel Jospin. Antes de retornar ao seu assunto preferido: “*Aliás, em minha carreira política, muitas vezes ganhei pessoas de quem se dizia que eram mais inteligentes e tinham mais estudo do que eu*”. “*Pensemos em Villepin*”, deixa escapar um convidado”. Conclusão do presidente: “*O importante na democracia é ser reeleito. Vejam o Berlusconi, foi reeleito três vezes*”

Matthieu Ecoiffier et François Wenz-Dumas.

(<http://www.liberation.fr/politiques/0101562292-sarkozy-se-voit-en-maitre-du-monde>).



Podemos notar nesse artigo do *Libération* que a passagem sobre Zapatero não é particularmente enfatizada. No entanto, é sobre Zapatero que irá se construir uma panaforização.

Os assessores do presidente desmentiram logo no dia seguinte, quinta-feira 17 de abril, as observações atribuídas pelo *Libération* ao Chefe de Estado francês; eles atribuíram «a paternidade da frase» ao «jornal que publicou tal informação».

A maioria dos comentários apagou o fato de que se tratava de uma frase destacada de uma conversação. Por exemplo:

**As declarações de Nicolas Sarkozy sobre o primeiro ministro espanhol Jose Luis Zapatero provoca (sic) a fúria dos espanhóis.**

Jose Luis Zapatero “talvez não seja tão inteligente”, declarou o presidente da República francesa, Nicolas Sarkozy, durante um almoço, quarta-feira passada, com parlamentares de direita e de esquerda para discutir sobre a crise, segundo o diário *Libération*.

Essa pequena frase do presidente francês circulou desde ontem na imprensa espanhola e provocou a ira do outro lado dos Pirineus. Mais uma vez, as declarações polêmicas de Nicolas Sarkozy quase provocaram um incidente diplomático.

“Talvez ele não seja muito inteligente. Eu conheço alguns políticos que eram muito inteligentes e que não passaram para o segundo turno das eleições presidenciais”, teria declarado Nicolas Sarkozy, criticando igualmente o antigo primeiro ministro socialista Lionel Jospin”.

<http://www.actualite-francaise.com/depeches/presse-internationale-fustige-declarations-nicolas-sarkozy,3542.html> (17/04/09).

O título categoriza o enunciado de Sarkozy como “declarações”, que faz eco ao verbo “declarou”. O recurso a esse lexema tem por efeito anular o caráter interacional e toda a complexidade da propriedade partilhada da enunciação. Ademais, a anáfora nominal recategorisante “essa pequena frase” consagra a aforização. O co-texto que se segue ao enunciado (“Eu conheço...”) é, certamente, retomado no final do texto, mas com a ausência da intervenção anterior de Emmanuelli, o “talvez” perde seu valor anafórico e concessivo.

Como esse artigo narra uma conversação relatada, um espaço considerável de incerteza se abre entre o artigo e o texto fonte, que só é acessível através das reconstruções das testemunhas. O que irá obviamente multiplicar as discussões, pois, na sequência, várias testemunhas intervieram em outros artigos para emitir seu ponto de

vista. Forçados a praticar uma análise linguística um pouco selvagem, eles recorreram a uma metalinguagem descritiva espontânea: “antífrase”, “insinuação”, “superinterpretação”, “ironia”...

O problema é que se uma aforização tem por natureza um “pai” (uma “paternidade”, segundo os assessores do Presidente) que responde por ela, o mesmo não acontece com as conversações, que mobilizam diversos locutores em interação e que agem geralmente em vários planos enunciativos ao mesmo tempo. Percebemos isso quando cruzamos os diversos testemunhos, que mostram a complexidade da trama conversacional de onde é extraída nossa aforização, uma complexidade que essa última tende, obviamente por natureza, a ignorar. O problema, aparentemente, é o resultado do entrelaçamento de duas estratégias discursivas:

- Sarkozy constrói um movimento concessivo, que, como tal, se efetiva em dois tempos (X mas Y) ;
- Sua enunciação, em seu desenvolvimento, refere-se sucessivamente a três políticos (Zapatero, Lionel Jospin<sup>12</sup> e Dominique de Villepin<sup>13</sup>). Mas, somente o nome do primeiro é explicitado.

O texto do jornal *Libération* que desencadeou o caso não colocou o conector *mas* entre a intervenção do socialista Henri Emmanuelli<sup>14</sup> e a de Nicolas Sarkozy (“Eu conheço...”). Mas, espontaneamente, certo número de pessoas – adversários ou não – que citaram o fragmento introduziram um *mas* concessivo para explicitar, em certa medida, a relação de sentido. É o caso, por exemplo, do site de informação do qual destacamos o fragmento a seguir:

**José Luis Zapatero:** “Talvez ele não seja muito inteligente. Mas eu conheço alguns políticos que eram muito inteligentes e que não passaram para o segundo turno das eleições presidenciais”.

---

<sup>12</sup> L. Jospin foi secretário do Partido Socialista sob a presidência de Mitterand, antes de se tornar Primeiro Ministro entre 1997 e 2002. Ele foi derrotado por J. Chirac nas eleições presidenciais 2002 e também foi derrotado pelo líder da extrema-direita J.-M. Le Pen.

<sup>13</sup> Dominique de Villepin foi Primeiro Ministro de J. Chirac entre maio de 2005 e maio de 2007. Rival mal sucedido de N. Sarkozy, não passou nas prévias para ser candidato da direita à presidência da República da França.

<sup>14</sup> Henri Emmanuelli é um deputado socialista que está mais próximo da ala esquerda de seu partido; o que explica as suas reticências em relação a Zapatero.

([http://desourcesure.com/politiqueaffaires/2009/04/les\\_politiciens\\_espagnols\\_se\\_l.php](http://desourcesure.com/politiqueaffaires/2009/04/les_politiciens_espagnols_se_l.php))

É também o caso do fórum do jornal *Libération*:

Emmanuelli disse alguma coisa do gênero "Zapatero não é muito inteligente" e depois Nicolas Sarkozy lhe respondeu: "Talvez ele não seja muito inteligente, **mas** eu conheço alguns políticos que se dizem inteligentes e que não passaram para o segundo turno das eleições presidenciais".

(<http://libeplus.liberation.fr/membre/albundy/commentaires>, 21 de abril).

A panaforização "Zapatero não é muito inteligente" foi extraída da primeira parte do movimento concessivo, não da segunda. Ora, em termos de polifonia linguística, está claro que a concessão opõe sucessivamente dois pontos de vista. No nosso exemplo, a responsabilidade do primeiro ponto de vista é atribuída a um outro "enunciador", neste caso, ao socialista Henri Emmanuelli, e a responsabilidade do segundo é atribuída a um enunciador que se identifica com o locutor da concessão, Sarkozy. Nesse movimento concessivo, com efeito, somente o segundo ponto de vista é validado, colocado como verdadeiro, pelo locutor.

O marcador "talvez" não tem aqui o seu valor mais corrente em francês, o de modalizador lógico (como em "Talvez ele esteja atrasado"). Sua função aqui é claramente interativa: ele está destinado a jogar a responsabilidade de A sobre o locutor precedente. Poderíamos glosar dessa forma o enunciado: "Admitamos que, como você disse, Zapatero não seja tão inteligente, isso não impede que...". Mas, se Sarkozy não assume a responsabilidade pela primeira parte da concessão, ele é, no entanto, responsável por uma coisa: sua reformulação da intervenção de Emmanuelli, que o jornal *Libération* reproduziu assim: "*Podemos dizer muitas coisas sobre Zapatero*".

Em 19 de abril de 2009, num fórum de internet do programa televisivo «*Arrêts sur images*», uma internauta que assina «Dominique Labernadie» se engaja numa espécie de análise linguística para denunciar o que julga uma desonestidade intelectual do jornal *Libération*:

Nada claras as citações do *Libé*. O que disse Emmanuelli não tem nenhum sentido, a frase não foi concluída. Ou Sarkozy lê os

pensamentos de Emmanuelli e termina suas frases, ou é Emmanuelli que fez as declarações insultuosas.

Sarko se contentou em rebater, sem realçar, mas, fazendo um paralelo irônico com Jospin, ele remete o insulto aos socialistas e, portanto, defende Zapatero.

É preciso que os jornalistas sejam rigorosos e citem integralmente as declarações de Emmanuelli. Esse é o contexto. Se Emmanuelli disse apenas: “Podemos dizer muitas coisas de Zapatero”, por que então Sarko teria respondido: “Ele pode não ser muito inteligente”?

Penso que Emmanuelli disse de fato: "Podemos dizer muitas coisas de Zapatero, mas ele não é muito inteligente". O que torna mais lógica a sequência do diálogo. Todavia, a maneira como *Libé* coloca as aspas e simplifica o diálogo, faz com que o insulto venha de Sarko, ao passo que ele viria primeiro de Emmanuelli. Não estou, portanto, convencido de que o artigo do *Libé*<sup>15</sup> seja intelectualmente honesto.

(<http://www.arretsurimages.net/forum/read.php?4,83190,83713>)

Esse comentário espera resolver a dificuldade impondo uma alternativa: uma vez que a resposta de Sarkozy retoma o ponto de vista de Emmanuelli, é, de fato, esse último que afirmou a panaforização. Tudo se baseia, evidentemente, em uma concepção normativa do que é um “bom” encadeamento de duas intervenções. A internauta parte do postulado de que Sarkozy só pode ter feito um encadeamento “lógico”. Mas o funcionamento efetivo das interações conversacionais está longe dessa concepção normativa. Na realidade, em uma conversação a própria noção de frase “completa” ou “incompleta” não é pertinente. Nada impede que Emmanuelli tenha efetivamente dito: “Podemos dizer muitas coisas de Zapatero”, deixando o sentido de seu enunciado em aberto. Sarkozy, pela intervenção que se segue, teria se apressado em especificar o sentido de acordo com o seu entendimento: “(você quer dizer): ele não é inteligente”. Uma tal reformulação se explica melhor se levarmos em conta o fato de que o enunciado de Sarkozy introduz, de fato, um novo alvo, Lionel Jospin. Esse último foi primeiro ministro socialista de 1997 a 2002, mas perdeu as eleições presidenciais em 2002.

A análise da internauta consiste em ler de maneira *anafórica*, isto é, voltando para trás, o enunciado sobre a inteligência de Zapatero. Mas esse enunciado pode também ser lido numa orientação *cafórica*, isto é, antecipando um novo espaço argumentativo,

---

<sup>15</sup> Abreviação do jornal *Libération*.

aquele em que N. Sarkozy procura criticar a falta de inteligência política de Lionel Jospin.

Para apreender esse problema, é preciso levar em consideração a complexidade das relações de aliança/antagonismo que estão em jogo nessa interação múltipla em que há um locutor dominante, o Presidente, e vinte e quatro outros participantes, que são, ao mesmo tempo, seus interlocutores ocasionais e testemunhas. Para complicar as coisas, esses últimos estão, eles mesmos, divididos em dois campos – os aliados políticos de Sarkozy e seus adversários –, e o mesmo vale para os terceiros, que servem de objeto de discurso: A. Merkel (chanceler alemã conservadora, portanto, suposta aliada de Sarkozy), Zapatero (socialista, portanto suposto adversário político de Sarkozy e aliado dos socialistas franceses). Contudo, como governantes que mantêm relações pessoais com o Chefe de Estado francês e, enquanto estrangeiros, Merkel e Zapatero não estão necessariamente na oposição elementar que estrutura o campo político francês. É essa margem de manobra que é explorada por Sarkozy.

Sua argumentação, então, poderia ser explicada da forma como o fez outro comentador:

Alguns parlamentares presentes nesta reunião, tanto de direita como de esquerda, negaram igualmente, explicando que, ao contrário, o Chefe de Estado francês defendia o trabalho de Zapatero, de Gordon Brown ou de Felipe Gonzalez. Ele simplesmente se dirigiu aos dirigentes do partido socialista francês: “Se vocês fossem tão inteligentes quanto os dirigentes de esquerda da Espanha ou da Grã-Bretanha, vocês não seriam derrotados nas eleições e parariam de me criticar pois eles concordam comigo”. Ele também observou que Jose Luiz Zapatero “ganhou duas vezes as eleições” e que de fato, não é o caso de alguém “que era tido como muito inteligente, que estaria no poder há cinco anos, que se candidatou e nem sequer passou para o segundo turno das eleições presidenciais de 2002”...

( <http://www.web libre.org/breves/Zapatero,4871.html> ;17/4/09)

Retomemos o raciocínio:

A observação de Sarkozy sobre a retirada da publicidade na televisão pública espanhola tende a impor a seguinte equivalência:

Política de Sarkozy = Política de Zapatero

Nessa equivalência, Sarkozy está em posição de modelo de Zapatero, que, todavia, é socialista. Trata-se de uma armadilha argumentativa preparada para os interlocutores socialistas franceses que estão presentes à mesa. Para escapar dessa armadilha, o socialista Emmanuelli não pode nem recusar Zapatero (que é do seu campo político), nem lhe dar totalmente razão; ele produz, então, um enunciado enigmático: (“Podemos dizer muitas coisas sobre Zapatero” (“On peut dire beaucoup de choses sur Zapatero”)), o que lhe permite dizer ao mesmo tempo que Zapatero está e não está no interior do socialismo, sem precisar onde fica a fronteira entre o negativo e o positivo; e, ainda mais, porque a referência do “on” como sujeito é indeterminada: é Sarkozy? Emmanuelli? Qualquer um? Um enunciado tão aberto autoriza os mais diversos encadeamentos, incluindo aquele que declara que, na zona do negativo, haveria falta de inteligência.

Por intermédio da reformulação que Sarkozy fez da frase de Emmanuelli, de fato se produziu uma junção entre dois movimentos argumentativos: a) um que valoriza a política de Sarkozy, defendendo que ela é boa, pois mesmo seus adversários políticos a seguem no estrangeiro; b) outro que desqualifica os socialistas, e, particularmente, Lionel Jospin, como estrategistas políticos ruins. A junção tornou-se possível pelo fato de que Zapatero e Jospin são ambos primeiros-ministros socialistas que estiveram vários anos no poder.; a superioridade de Zapatero-socialista-que-imitaria-Sarkozy é confirmada pelo fato de que ele ganhou as eleições e que Jospin as perdeu. Na sequência um terceiro alvo é visado, Dominique de Villepin, o adversário de direita de Sarkozy. Esse último constrói, com efeito, no seu discurso uma nova classe na qual figuram Jospin e Villepin: “*pessoas de quem se dizia que eram mais inteligentes e tinham mais estudo do que eu*”. Mas, dessa vez, o auditório construído não se funda na oposição Direita *versus* Socialistas, mas na oposição entre duas classes de políticos: aqueles que têm pretensões intelectuais (Jospin ou Villepan) e aqueles que têm sucesso na política (Sarkozy ou Zapatero).

O que assegura a unidade dos três movimentos, que têm alvos e argumentos distintos, é a afirmação, em todos os casos, da superioridade do locutor e do homem político Sarkozy.

Imbricação de movimentos argumentativos distintos, alvos múltiplos, jogos de polifonia... Essa é a realidade complexa de uma interação conversacional que não pode, de forma alguma, ser traduzida em aforizações. Notaremos, aliás, que *Libération* se resguardou e sublinhou a megalomania de Sarkozy no título da matéria: o jornal resume

a refeição em “Festival de “eu” ontem no Eliseu”. Mesmo os comentários que contestam a exatidão da aforização de Sarkozy não podem dar conta de toda a dimensão da labilidade do sentido e reconstróem agenciamentos que o simplificam e o estabilizam.

### **Lítotes, ethos e máquina midiática**

Quaisquer que sejam os desmentidos e as múltiplas glosas – incluindo as dos participantes socialistas na refeição – que tendem a inocentar Sarkozy da responsabilidade plena e direta por tal enunciado, o movimento é irreversível. No dia seguinte ao artigo do jornal *Libération*, o site “*Eteignez votre ordinateur*”, cujo subtítulo é “Boatos, escândalos, celebridades, notícias, impactos, humor para estar por dentro de tudo o tempo todo”, reescreve o relato para validar retroativamente a pertinência da aforização. Nesse novo cenário, é H. Emmanuelli que, em vez de reagir à intervenção de Sarkozy, faz uma pergunta em que a aforização constitui a resposta. Assim instituída, a aforização requer uma contra aforização por parte do suposto alvo da frase ofensiva, os espanhóis:

Um outro alvo de Sarkozy foi o chefe do governo espanhol, Zapatero. Segundo o jornal francês *Libération*, Nicolas Sarkozy, questionado por Henri Emmanuelli, desferiu sobre Zapatero : «Talvez ele não seja muito inteligente...»

Na Espanha, uma resposta à frase ofensiva de Sarkozy não se fez esperar. De acordo com o jornal *El País*, **Luis Herrero**, um deputado europeu do PP (Partido Popular), **saiu em defesa de Zapatero** no canal de televisão TVE, desferindo sobre Sarkozy : « **E você, nanico, quem você pensa que é?** »

(<http://www.eteignezvotreordinateur.com>, 17/4/04, acesso em 20/8/09)

A aforização atribuída a Sarkozy uma vez colocada em circulação funciona de maneira autônoma. A panaforização, enquanto tal, é quase imune a qualquer questionamento da sua validade. Como na pressuposição existencial (cf. « O rei da França não existe ») que se apoia sobre uma existência que ao mesmo tempo ela recusa,

os textos intitulados « Sarkozy realmente disse « X » ? » reforçam paradoxalmente a validade do enunciado que pretendem contestar.

Podemos, contudo, nos perguntar sobre o que favoreceu o acesso desse fragmento do jornal *Libération* ao estatus de panaforização. Esse artigo do jornal francês não confere importância particular ao enunciado sobre Zapatero e menciona outros alvos visados por Sarkozy durante a refeição: B. Obama, A. Merkel, M. Barroso. Aliás, as afirmações de Sarkozy sobre Obama são as mais comentadas pelo *Libération* e as únicas a merecer um dos dois intertítulos do artigo, escritos em negrito: « **Obama** » e « **Bolchevik** ». É difícil propor explicações de ordem política, uma vez que não existia, naquela ocasião, uma contenda particular entre a França e a Espanha. Zapatero nem sequer é uma personalidade que constitui uma peça importante no cenário político francês.

Gostaríamos de sugerir que restrições de ordem linguística tiveram um papel importante nesse fenômeno. É digno de nota o fato de que as duas variantes dessa panaforização (“Zapatero não é muito inteligente” / “Zapatero talvez não seja muito inteligente”) se apresentam ambas como lítotes perfeitamente canônicas. Devido a sua descontextualização, o marcador “talvez”, tendo perdido seu valor concessivo e sendo recategorizado como modalizador lógico, não se opõe absolutamente a uma interpretação enquanto lítotes.

As definições comuns da lítotes (“figura pela qual se deixa entender mais do que foi dito”, “se disse menos para sugerir mais”, “se disse menos para fazer entender mais” etc.) economizam suportes linguísticos. Ora, é digno de nota que os exemplos mais frequentes de lítotes propostos pelos manuais apelam massivamente para a negação. Levando-se em conta o perigoso problema colocado pela definição da lítotes, é provável que ela não se estabilize sem o apoio da estrutura negativa e, em particular, a negação de predicados adjetivais.

A lítotes reforça o estatuto da aforização do enunciado atribuído a Sarkozy, que parece ainda mais enigmático, mais rico de sentido, aumentando a soberania do aforizador. A interpretação de uma enunciação como lítotes implica, com efeito, o reconhecimento pelo destinatário de uma intenção do locutor, que supostamente quer estimular a atividade interpretativa de seus destinatários.

No espírito de seus detratores, é, na verdade, o ethos de Sarkozy que, para além de qualquer declaração, é denunciado: a aforização depreciativa em relação a Zapatero,



mesmo não correspondendo ao que foi efetivamente dito e nem às intenções de Sarkozy, corresponde à representação que muitos fazem do Presidente, como um homem convencido de que é superior a todo mundo. É, aliás, o que é destacado pelo *Libération* no início de seu artigo: Sarkozy durante essa refeição “está próximo da sua própria caricatura”:

Os cerca de vinte parlamentares de todas as tendências convidados pelo Chefe de Estado francês para almoçar e discutir a regulação do capitalismo e os paraísos fiscais, tiveram direito, segundo um convidado, “a um Nicolas Sarkozy 200%, isto é, estranhamente próximo de sua própria caricatura.” (os grifos são do autor).

Em outras palavras, a aforização não é um enunciado de Sarkozy, mas uma aforização que confirma de maneira emblemática o “ethos pré-discursivo” atribuído a Sarkozy por uma boa parte da opinião pública, isto é, o ethos que lhe é atribuído antes mesmo que ele tome a palavra. Aliás, o artigo do jornal *Libération*, precisamente, apreende o conjunto da conversação durante a refeição, menos por seu conteúdo, que como um sintoma de um ethos megalomaniaco.

Mas o ethos não se constata; ele é por definição tão somente uma *construção* do destinatário. No caso de um artigo de jornal que relata a declaração de um terceiro, o jogo é evidentemente falseado, pois o destinatário último, o leitor, se vê impelido pelos intermediários a atribuir uma interpretação negativa ao ethos do locutor: não só pelo título e pelos comentários, mas também pela própria seleção das citações e por seu modo de apresentação. Compreendemos que para defender Sarkozy, seu ministro de relações exteriores, B. Kouchener, no dia 20 de abril de 2009, se empenhou em propor uma construção alternativa, valorizante, desse ethos (“jovem”, “vivo”):

«Sim, é assim mesmo que ele fala. Ele está vivo, ele é jovem e esperto, isto faz a diferença.»

## Conclusão

A aforização é tão antiga quanto a linguagem: sempre houve textos e frases sem textos. Mas suas funções discursivas estão estreitamente relacionadas às configurações

históricas nas quais é empregada. Os inumeráveis ditos dos camponeses sobre a meteorologia e suas consequências sobre os trabalhos agrícolas, os adágios em latim dos homens da lei de outrora, as sentenças dos moralistas clássicos, as divisas, os slogans políticos... são indissociáveis de certas sociedades e em particular das condições de comunicação em um momento dado. Com a emergência da Internet e a interconexão generalizada dos suportes de informação num mundo globalizado, a aforização entrou num novo regime, do qual ainda não conseguimos medir todas as implicações políticas, sociais, cognitivas. A panaforização se opõe termo a termo à « sentença » da cultura humanista que prevaleceu até a segunda guerra mundial: sua validade não está ligada a sua *profundidade* temporal, a seu pertencimento a um Thesaurus antigo e à Tradição que a perpetuou, mas ao fato de que ela satura de repente o *espaço* midiático que a impõe como *objeto de discurso*, como aquilo de que não se pode deixar de falar.